



INSTITUTO  
**ANTROPOS**

PESQUISA SOCIOCULTURAL E MISSIOLOGIA APLICADA

**ANTROPOS**  
Revista de Antropologia

{RESENHA}

## A MAGIA

**AUTOR: Regis Augusto Domingues <sup>1</sup>**

PIERUCCI, Antônio Flávio. *A Magia*. Coleção Folha Explica. PubliFolha: São Paulo, 2001.

Passados alguns anos ainda me lembro das gratificantes e provocativas aulas assistidas na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. O professor era Antônio Flávio de Oliveira Pierucci, docente profícuo e de senso crítico aguçado, era impossível sair de suas aulas em atitude passiva diante do mundo. Costumeiramente me vinha a sensação que algo a mais me fora acrescentado ao intelecto, não se podia sair de uma aula do professor Pierucci e permanecer inerte diante de algumas questões. Nascido em 1945 na cidade de Altinópolis, ao extremo norte do estado de São Paulo, PIERUCCI iniciou sua vida acadêmica estudando filosofia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde se formou em 1973 e obteve o mestrado em Ciências Sociais em 1977. Em 1985 doutorou-se em Sociologia na Universidade de São Paulo, onde também defendeu sua Livre Docência em 2001. Pesquisador dedicado ao estudo de temas sobre Religião, sua principal disciplina de estudos é a Sociologia da Religião, sendo profundo conhecedor do pensamento de Max Weber nesse campo. Atualmente PIERUCCI é professor titular e chefe do Departamento

---

<sup>1</sup> Graduando em Teologia, aluno-pesquisador pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e estudante do Instituto Anglicano de Estudos Teológicos em São Paulo.

de Sociologia da FFLCH-USP.

A magia tema aparentemente improvável para uma época dominada pela racionalidade e pela tecnologia, é o objeto de análise revelado no título do livro de PIERUCCI. Partindo da constatação de que a magia ainda é matéria corrente em nossos dias, algumas vezes disfarçada, outras não, PIERUCCI parte do pressuposto de que a magia é a prática sortilégica pela qual as pessoas tentam dominar forças sobrenaturais e obter benefícios imediatos mediante práticas ritualísticas repletas de simbolismos. Segundo o autor essas práticas ainda são observáveis em nosso cotidiano pelos “gestos de magia espontânea (...), as formas modernas de difusão na mídia e o consumo regular da consulta aos astros” (p. 8), além da variedade de pessoas que se alto denominam bruxos e magos, criando uma nova categoria profissional. Essas observações “nos proíbe de continuar associando a crença na magia e sua prática aos povos primitivos, a época arcaica e às camadas mais baixas da população” (p. 9). A modernidade com seu arcabouço racional inibiram de alguma forma a magia como principal expressão de religiosidade, dando espaço à religião, essa expressa como uma religiosidade mais racionalizada, estruturada e sistemática. É o que Weber conceituou como ‘desencantamento do mundo’, em outras palavras, desmagificação do religioso pela racionalização da inspiração divina. No entanto, para PIERUCCI ainda existem na sociedade moderna um “círculo estreito de pessoas” (p. 9) que mantém crenças na magia, assim como um grupo que não abraça calorosamente essas crenças, mas que por outro lado, por via das dúvidas, também não as desprezam totalmente. E por fim, o cético seria aquele indivíduo arraigado ao seu tempo, baluarte da racionalidade, é taxativo em afirmar que a magia não passa de tolice, atraso e falta de juízo crítico, fruto de mentes primitivas. Dessa forma PIERUCCI aponta que existem três atitudes básicas diante da magia: a crença, o ceticismo e a semicrença. Nisso repousa o conteúdo introdutório da obra, que em oito capítulos e um pouco mais de cem páginas pretende conceituar a magia e analisar suas expressões, além de oferecer uma necessária distinção entre essa e a religião, principalmente no ocidente.

O primeiro capítulo é a tratativa de alguns princípios na utilização da magia, aqui especificamente a magia espontânea. Esse capítulo discorre sobre as práticas mágicas e seus objetos acessíveis aos não-iniciados: as simpatias, as rezas, as benzeduras, os talismãs, os amuletos, os conjuros. Repleto de definições e exemplos pertinentes ao termo, o capítulo nos permite identificar as facetas do mundo da magia. A magia sempre tem uma finalidade prática, e para tanto, é necessário o ritual e esse dotado de linguagem simbólica. Na magia o ritual executado de forma impecável é o que garante o resultado almejado. O ritual mágico é sempre fixo e invariável, formal e sem fontes explicativas, mantido pelas prerrogativas do tabu, não é importante compreender, mas memorizar os rituais. Não há inovações e as adições ocorrem muito mais pelo sincretismo do que pela variação. O tabu garante a proibição de qualquer alteração ao ritual transmitido. Afinal, qualquer mudança pode destituir o ritual mágico de seu poder em conceder benefícios aos seus manipuladores. O capítulo trata das magias de defesa e proteção, denominadas magia branca que, como é comum à religiosidade encantada, tem seu valor preservado pelo seu oposto, a magia negra, e vice-versa. Enquanto a primeira é de defesa e prevenção, garantindo sempre manifestação de algo favorável e positivo, a segunda é de ataque, mesmo involuntário às vezes, pretende lançar malefício sobre alguém como, por exemplo, no caso do “mau olhar”. Não deixando o fio condutor, estabelecido na introdução da obra, PIERUCCI constata aqui que “é a mesma insistente idéia de defesa mágica que explica o hábito, ainda hoje vigente entre as pessoas de todas as nacionalidades e camadas sociais, de trazer consigo certos signos mágicos” (p. 21). Daí a explicação da magia em nossos dias, a grande massa de pessoas carregam algum tipo de talismã, amuleto, marca ou sinal.

A magia profissional é abordada no segundo capítulo e definida como aquela exercida por um profissional independente detentor de um conhecimento mágico específico e reconhecido no ofício das manipulações mágicas: o feiticeiro. O feiticeiro é aquele que “produz *bens* e presta *serviços*” (p. 28), desta forma, mesmo não estando claro no texto, isso nos leva a

concluir que a prática mágica profissional é cobrada. Serviços como curas, trabalhos, feitiços, mandingas, revelações, previsões e outros são realizados mediante pagamento. Na maioria dos casos o pagamento é atribuído não diretamente ao serviço realizado, mas aos bens utilizados no serviço. Assim, cobram-se pelas poções, beberagens, amuletos, patuás, etc. Nesse ponto o texto deixa uma lacuna por não apresentar a relação financeira tão característica da prática mágica. Entre os feiticeiros profissionais o livro identifica os videntes e os adivinhos, os curandeiros e os terapeutas. O vidente é o mago que tem o dom natural de clarividência e o adivinho é o mago que adquiriu esse carisma pela técnica e a prática, utilizando-se de meios externos para alcançar a adivinhação, essa também denominada arte mântica.

Dando continuidade as criteriosas definições, PIERUCCI exemplifica o curandeiro como sendo aquele que é “diferente do médico, um intermediário entre o homem e o sagrado” (p. 37). O curandeiro é aquele que trata e cura mediante um estado de transe e que pela proximidade física com o atormentado da moléstia retira a enfermidade, exorciza o mau espírito, desfaz o mal que atormenta o corpo. PIERUCCI define que modernamente o curandeiro pode ser encontrado no chamado terapeuta das terapias alternativas, que tem em seu jargão profissional termos do antigo curandeirismo transmutados de terminologias científicas. “A gama de terapêuticas usadas pelos ‘modernos curandeiros’ (...) é extremamente diversificada” (p. 40), a lista que se segue no capítulo é enorme, o que comprova que a magia está presente de forma considerável em nosso tempo, seja de forma clara ou disfarçada de linguagem científica, não faltando crescente “oferta plural e multicultural de saídas mágicas para todo tipo de problema” (p. 42).

Diante do que foi exposto até aqui, nos encontramos quase na metade do livro, o autor não poderia deixar de analisar a abordagem diagnóstica da magia e sua relevância para aquele que nela acredita e dela depende para viver melhor. Nos capítulos três e quatro o autor analisa como

a magia aguça nossas próprias necessidades e problemas, demonstrando a origem dos males feitos e oferecendo as soluções adequadas para cada um deles, tornando-se assim necessária. Ao diagnosticar o problema e sua origem, geralmente atribuída a alguém que realizou algum trabalho contrário, o feiticeiro revela o protagonista do mal e o local de realização do trabalho. Assim, o livro aponta que a magia e o mágico profissional são indispensáveis na resolução eficaz de problemas que fogem a capacidade de se resolver racionalmente determinadas coisas. A magia serve às situações de risco onde a racionalidade e a técnica não conseguem assegurar resultados práticos. A magia se alimenta da crença de que o mundo é habitado por “forças ocultas portadoras de infortúnios e adversidades, provocadoras de baques e acidentes imprevisíveis” (p. 56), assim, diante das incertezas, do imprevisível, do inexplicável e das situações que saem do controle das técnicas racionalmente possíveis, recorre-se a magia como solução. Argumento esse pautado primordialmente nas constatações empíricas de Malinowski, sendo esse antropólogo muito citado no capítulo quatro.

No quinto capítulo é possível perceber a acuidade acadêmica de PIERUCCI ao tentar cobrir todo o referencial teórico do tema que ele se propôs abordar. Nesse capítulo o autor expõe importantes conceitos antropológicos das leis da magia observando que “magia é menos um sistema de crenças e mais um conjunto de práticas” (p. 62), mas dotada de crenças difusas e não reflexivas de “que existem leis que regem ‘ocultamente’ as relações de correspondência entre os reinos da natureza” (p. 62). O autor inicia o capítulo que desvenda crenças de base da magia citando o conhecido antropólogo britânico Sir James Frazer como o pioneiro nos estudos da magia primitiva (*sic*) para quem o princípio geral que coordena o universo simbólico da magia é a lei da simpatia. Princípio esse que se subdivide em três leis que são tratadas no decorrer do capítulo: Lei da similaridade – correspondente a magia homeopática ou imaginativa (Frazer) ou magia metafórica (escola interpretativa); Lei da contiguidade ou do contato – corresponde a magia contagiosa ou metonímica; Lei do contraste ou do retorno – corresponde a magia antagonista ou contramagia. A finalidade da

magia homeopática ou metafórica é assemelhar a prática da magia ao resultado desejado, a exemplo do boneco de vodu. O objetivo é que a pessoa representada no boneco sofra em seu próprio corpo as invocações lançadas enquanto o boneco é perfurado. A magia metonímica é por definição aquela que se dá pelo contato físico direto ou indireto. A magia da cura é aquela que se dá no contato direto pela imposição das mãos do mago ou do xamã, ou pelo contato indireto através da saliva ou suor do curandeiro ou pela baforada do cachimbo do pajé. A contra magia em seu termo em si mesma se define, é a magia que combate o seu contrário.

Constatando a oscilação e intercambio existente entre os vocábulos feitiçaria e bruxaria PIERUCCI se propõe no capítulo seis a fazer uma distinção curiosa, e porque não necessária, dos termos. Mesmo diante da confusão dos termos ocasionada pelo senso comum, consagraram-se pelo uso nas ciências humanas as definições adotadas nos estudos etnográficos do antropólogo Edward Evans-Pritchard citado no livro. Na conceituação de Evans-Pritchard enquanto a feitiçaria se utiliza conscientemente de técnicas, de rituais e de recursos externos para alcançar um fim, a bruxaria não se vale desses recursos. A bruxaria é um ato psíquico, muitas vezes inconsciente e fora do controle do bruxo. Assim, a feitiçaria pode ser aprendida por qualquer um, já a bruxaria é algo inato e sobrenatural.

Os últimos dois capítulos são dedicados a delimitar as diferenças entre magia e religião e o domínio dessa última na sociedade ocidental. Em seis tópicos o autor vai traçando as diferenças. Em suma a magia é eminentemente prática e associada ao domínio de poderes sobrenaturais, voltada a fins específicos, praticada por um profissional que mantém relações individuais com sua clientela, sempre associada a práticas obscuras e secretas. Já a religião é eminentemente racionalizada e estruturada, voltada a reverência e obediência ao divino, sempre numa relação comunitária e aberta. A magia é sortilégica, manipulativa e prática. A religião é doutrinária, reverente e sobre tudo ética. O objetivo da religião no ocidente sempre foi desalojar o pensamento mágico em favor da coerência sistemática

e compreensível da revelação divina, por isso, é uma férrea combatente da magia.

O autor termina o livro numa frase que resume de forma magistral todo o conceito desenvolvido: “Magia é vontade de poder; religião, vontade de obedecer” (p.103).

No percurso da obra PIERUCCI parece circular entre a abordagem antropológica e sociológica na análise do conceito. O que em nada interfere na qualidade acadêmica do texto, antes contribui para o enriquecimento desse. Mesmo sendo PIERUCCI um acadêmico respeitado e de reconhecido rigor científico, seu texto não tem nada de enfadonho e excessivamente técnico, sendo antes uma leitura convidativa e agradável, como costumam ser a maioria dos textos do autor. Por outro lado, para as mentes mais acuradas e experimentadas na observação etnográfica o texto pode demonstrar uma aparente deficiência ao não abordar o intercâmbio entre magia e religião observáveis nos movimentos neo ou pós-pentecostais da atualidade. Mas, essa aparente deficiência pode ser explicada pela metodologia inerente ao pensamento do autor que é reconhecidamente weberiano. Dessa forma, fica evidente que o autor está se pautando nos extremos conceituais próprios aos ‘tipos ideais’ da abordagem metodológica weberiana. Cabendo ao leitor a flexibilidade e a aplicação do arcabouço teórico na observação de campo.

Além de um excelente texto introdutório para o estudo acadêmico do tema magia e religião, o livro também é um importante meio de esclarecimento de termos que diariamente nos cercam como talismã, amuleto, feitiçaria, bruxaria, etc. Esclarecimento imprescindível para todos que convivem nesses tempos de modernidade tardia ou de sociedade pós-moderna onde as crenças oscilam entre a religião e a magia.